

USO DA TERRA A PARTIR DO ENFOQUE AGROECOLÓGICO: REFORMA AGRÁRIA E MEIO AMBIENTE.

Mônica Cox de Britto Pereira,¹ Luciana Costa Silva, João Henrique Ferreira Brito.²

A região em estudo, Vale do São João, RJ, foi alvo de ações governamentais na década de 70 para a implantação de monoculturas de arroz, com o uso de insumos químicos, agrotóxicos, e irrigação, com a construção da Barragem Juturnaíba e de canais para drenagem (Binzstock, 2001; Cunha, 1995). Hoje a região é foco da espécie em extinção do mico leão dourado, que conforme Dean (1996), foi apreciada desde a colônia, capturada por criadores, e exportada. Um relatório em 1970 do Museu Nacional levou a apoiar a preservação da espécie, e em 1974 foi criada a Reserva Biológica Poço das Antas.

A reserva como ilha está fadada a ter efeitos diversos a partir da sua borda, e sob o mito da natureza intocada pode ainda vir a reforçar uma visão excludente da conservação, assim, podemos conforme Diegues (1996) sinalizar para uma Crise da Conservação. Quammen (1996) citado por Fernandez (2000) faz uma afirmativa incisiva: “Assim como ilhas, (os parques nacionais) são lugares onde as espécies vão para morrer.”

As áreas de amortecimento de Unidades de Conservação restritivas são de grande importância biológica e reduto importante para a biodiversidade. São esses aspectos fundamentais para se conjugar com os projetos de assentamentos rurais. É preciso sublinhar que somente a preservação (reserva), ou então somente a produção (assentamentos), não oferece garantia de sustentabilidade, é preciso conjugar as duas faces, integrando-as. Esse é o novo paradigma em questão, e a Agroecologia é um campo de conhecimento e uma estratégia para a sustentabilidade: planeja e entende produção e conservação como uma só unidade, articula os aspectos agrários, agrícolas, e ecológicos, sob um olhar ambiental mais amplo, ou socioambiental. Conforme Altieri (2002), Agroecologia representa uma abordagem agrícola que incorpora cuidados especiais relativos ao ambiente, e aos problemas sociais, enfocando não somente a produção, mas também a sustentabilidade ecológica, integrando sistema de produção com ecossistema local. Conforme Diegues e Altieri as abordagens tem sido reducionistas,

¹ Profa. Departamento de Geografia UFF, Mestre MNRJ/UFRJ, Doutoranda CPDA/UFRRJ.

² Estudantes do Curso de Geografia UFF.

com custos ambientais e sociais. Nesse sentido, a Agroecologia está do lado da vida em sua multiplicidade, da dinâmica da Vida, da revitalização do território.

Documento da IUCN (1988), entidade conservacionista representativa, sinaliza uma vinculação entre a manutenção da biodiversidade e a diversidade cultural. Considera que: *“O movimento conservacionista foi liderado por naturalistas... Ainda que sua contribuição tenha sido essencial, eles foram incapazes de resolver os problemas básicos da conservação porque os fatores limitantes não são de ordem ecológica, mas principalmente políticos, econômicos e sociais.”*

Diegues (1996, 2000) enfatiza o conhecimento das populações locais para assegurar a diversidade biológica, assim como Shiva (1992) assinala que o desaparecimento dos meios de vida das populações está ligado à erosão da biodiversidade, e que a prática da diversidade é a chave para a sua conservação.

Na região de estudo, a população do mico leão aumentou para ca de mil animais em 2001, após alguns anos da criação dos assentamentos no entorno da reserva, assim indicando que não há pressão iminente sobre a população da espécie. Em 1996 foi criado o projeto de assentamento Cambucaes (Silva Jardim, RJ), e em 1997 ocorre a ocupação e formação do acampamento Sebastião Lan (S.Jardim/Casimiro de Abreu, RJ), 82 famílias estão pré-assentadas atualmente e continuam acampadas até 2004, e 33 famílias foram assentadas com a criação do projeto de assentamento Sebastião Lan em 1998.

Parte deste estudo relacionou-se ao Laudo Multidisciplinar - módulo Geografia³, da Cooperação Técnica MDA/INCRA-RJ e MMA/IBAMA-RJ para ações de convivência harmoniosa de assentamentos e a conservação do ecossistema da Rebio de Poço das Antas realizada em 2002 (UFF, 2002) e que teve por objetivos: a) verificar as possibilidades de convivência entre assentamentos rurais e a conservação ambiental no entorno da reserva, b) problematizar a importância da Agroecologia como proposta de integração dos aspectos socioambientais, de forma a recuperar áreas degradadas, através da dinamização social dos agricultores. A pesquisa teve como referência a observação e pesquisa participante (Brandão, Mançano, 2001), realizaram-se entrevistas e análise qualitativa do uso do território pelas comunidades rurais, bem como, a leitura do espaço a partir da investigação dos conflitos territorial, ambiental, judicial e institucional.

Podemos considerar duas experiências importantes, em SP e MG, em que assentamento de trabalhadores sem terra não necessariamente entra em choque direto com os interesses de conservação do entorno de Unidade de Conservação. Propomos o mesmo para área do acampamento de Sebastião Lan no entorno da Reserva Biológica de Poço das Antas. Essa área, chamada de brejão, tem seus limites dados pelo Canal de Aldeia Velha e o Canal de São João. Com as obras de drenagem da baixada do Rio São João na década de 70, alterou-se o curso do Rio Aldeia Velha para o atual Canal Aldeia Velha, assim como o Rio São João para o respectivo canal. Os antigos leitos dos rios foram abandonados. Essa área do brejão (1466 há) foi grilada pelo fazendeiro que arrendou para arroz, com uso de máquinas, e muitos insumos químicos. O arroz fracassou, o uso da área tampouco teve sucesso, tendo arrendatários e o fazendeiro dívidas no banco até os dias atuais (em 2004). É relevante, sobretudo, considerar o passivo ambiental e social. Agricultores hoje vêm plantando sem o uso de agrotóxicos, resultando nesses anos em enorme ganho ambiental, como p.ex. uso da água antes extremamente contaminada, retorno de peixes ao Canal Aldeia Velha, pássaros trazendo sementes de nativas, estruturação de solo de turfa degradada, e outros.

Para a área do brejão ocupada por agricultores sem terra, sugerimos uma proposta preliminar de zoneamento agroecológico. Já existem experiências e manejos na área nos sete anos de acampamento: recuperação do solo, controle de fogo, incorporação de nativas, plantio de mata ciliar, e experimentações para integrar manchas de mata com cultivos em uma agrofloresta inicial. A região é prioritária para recuperação ambiental, e para expansão da biota silvestre, e para minorar o efeito de borda da mata da reserva pelos incêndios. A agricultura diversificada pode fazer parte dessas propostas com foco na modificação da paisagem e diversificação num plano de organização espacial do entorno de UC.

O que garante a possibilidade de uma espécie encontrar-se livre da extinção? É a construção de sustentabilidade ecológica! Não é só a presença da espécie “viva”, se o seu ambiente está moribundo. Para tal é preciso construir atividades socioambientais, com participação do entorno na recuperação ambiental. A consciência e os valores, com base na prática e no modo de vida, são geralmente ligados à pequena produção ⁴, que

³ Foi criado o GTEcosocial portaria GaR/UFF em 2002 para realização de laudo multidisciplinar com coordenação de profs. do Direito, Engenharia Agrícola, Geografia, e Sociologia.

⁴ Ver em Toledo, Altieri, Leff.

tem princípios ecológicos e comunitários em sua base: a diversificação de culturas; o consórcio de espécies; a manutenção de nativas; a incorporação de árvores; por conseguinte, a atração da biodiversidade, polinizando e fertilizando o ambiente com sementes, e assim regenerando a dinâmica ecológica; podendo recuperar o solo, a vegetação, a fauna, e a trama de relações que faz desses ambientes tropicais ricos, produtivos, com muitas oportunidades de uso, e com funções ambientais valiosas para a região e futuro! Corroboramos esses aspectos, pela pesquisa, para a área em estudo.

CONCLUSÕES

Muitas áreas de pequena produção encontram-se com problemas, há impasses para a sua reprodução. Tomar como base a pluralidade - tendo como princípios a otimização, a diversificação e a convivência com as características locais e as diferenças - é adotar um outro caminho e experimentar ampliar o espaço de solução para os problemas, e permitir-se a construção de uma agricultura sustentável (Almeida, 1998). Petersen (1997) chama a atenção que, contrário às noções de preservação e de ecossistemas intocados, o grande desafio para as próximas décadas é manter e incrementar a produtividade dos sistemas agropecuários, e ao mesmo tempo, valorizar e conservar a dinâmica dos recursos naturais.

LITERATURA CITADA

- Almeida, J. A Construção Social de Uma Nova Agricultura. Ed. da Universidade. 1998.
- Altieri, M. Agroecologia. Ed. Agropecuária e Ed. Aspta.
- Binzstock, J. O Fracasso da Agricultura Empresarial no Vale do São João. An.Seminário "O Estado do Rio no início do século XXI," 2001.
- Brandão, Carlos Rodrigues. Pesquisa Participante. Ed. Vozes.
- Cunha, S. Impacto das Obras Engenharia Sobre a Bacia do R. São João. Ed. UFRJ, 1995.
- Dean, W. A Ferro e Fogo. Ed. Cia das Letras, 1996.
- Diegues, AC. O Mito Moderno da Natureza Intocada. Ed. Hucitec, 1996.
- Diegues, AC (org). Etnoconservação. Ed. Hucitec, 2000.
- Fernandez, F. Efeitos da Fragmentação de Ecossistemas: a situação das unidades de conservação. Semin.Unidades Conservação Urbanas, 2000.
- Leff, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. Agroecol. e Desenv. Rur.Sustent., Porto Alegre, v.3 n.1 jan/mar 2002: 36-51.
- Mançano, B. O MST e a Pesquisa. Cadernos Iterra no 3, 2001.
- Petersen, P. Desenvolvimento e Agricultura Sustentável: especificidades do caso brasileiro. 1997, Aspta (texto).
- Shiva, V. A Semente e a Roca de Fiar. Ed. Aspta, 1992.
- Toledo, Victor M. A racionalidade ecológica da pequena produção camponesa. Agroecologia e Desenvolvimento: 18-26.
- UFF. Laudo multidisciplinar e termo de cooperação técnica para a convivência harmoniosa de assentamentos rurais no entorno da reserva biológica de Poço das Antas, 2002.